

Flávia Rieth
Daniel Vaz Lima
Vagner Barreto Rodrigues
Miriel Bilhalva Herrmann

**“AQUI NA LIDA É EU, A ESPOSA E OS
CACHORROS”:** trabalho familiar e saberes
pecuários nos campos dobrados do Alto
Camaquã

**“HERE IN THE DUTIES IT’S ME, MY WIFE
AND THE DOGS”:** family work and livestock
farming know-how in the campos dobrados of
Alto Camaquã

A primeira fase desta pesquisa do Inventário foi realizada com parceria entre a Prefeitura de Bagé, proponente, Curso de Antropologia da UFPEL, execução, e IPHAN, financiamento. A segunda fase do Inventário na Região do Alto Camaquã, a proposição da pesquisa foi da ADAC/AGRUPA.

RESUMO

O presente artigo reflete etnograficamente sobre o trabalho de caráter familiar nos modos de fazer da pecuária extensiva, na região do Alto Camaquã, Serra do Sudeste, pampa Brasileiro, a partir das pesquisas realizadas no *Inventário Nacional de Referências Culturais Lida Campeira* (INRC Lida Campeira). O artigo está dividido em três seções. Na primeira parte, apresentamos a maneira como os diferentes ambientes do pampa configuram formas criativas de aprendizado para humanos e outros animais, com atenção para os *campos dobrados*, ou *campos de pedra*. Na segunda, demonstramos um modo de vida em relação, em que pensamos a questão da criação e do manejo, a partir da associação de humanos, animais, rio, mato, casa, pedra, campo. Na terceira parte, discutimos a presença histórica das populações tradicionais, pecuaristas familiares, lavradores na pampa e as contribuições desses saberes e fazeres, que aproximam Naturezas e Culturas na *lida*. Assim, o trabalho busca reconhecer os saberes tradicionais e suas implicações na *lida campeira*, desde a instalação da atividade pecuária no pampa.

PALAVRAS-CHAVE: Inventário Nacional de Referências Culturais. *Lida Campeira*. Alto Camaquã. Populações tradicionais. Pampa.

ABSTRACT

The present article ethnographically reflects on the family work in the way of handling extensive livestock farming, in the Alto Camaquã region, Hills of the Southeast, Brazilian pampa, based on the researches carried out in the *National Inventory of Cultural References Lida Campeira* (INRC Lida Campeira). The article is divided in three sections. In the first part, we present the way how different pampa environments set up creative forms of learning for humans and other animals, mainly focusing in the *campos dobrados*, or *campos de pedra*. In the second, we show a lifestyle in relation, in which we consider the raising and the handling, based on the association of humans, animals, river, bushes, house, stone, field. In the third part, we discuss the historical presence of the traditional populations, family cattle breeders, farm workers in the pampa and the contributions of this know-how and way of doing things, which bring Natures and Cultures closer in the *duties*. Thus, the work aims to acknowledge the traditional know-how and its implications in the *lida campeira*, since the beginning of the livestock farming activity in the pampa.

KEYWORDS: National Inventory of Cultural References. *Lida Campeira*. Alto Camaquã. Traditional populations. Pampa.

INTRODUÇÃO

“A gritos, a tiro e a cachorro tinha-se conseguido tocar como umas pra mais de três mil réses. Nem lhe falo nas cousas divertidas do serviço, como rodadas, algum matungo riscado de aspa de brasino, as compadradas da peonada e outras que sempre alegram um campeiro.”

João Simões Lopes Neto, *Juca Guerra*, 2011 [1912]

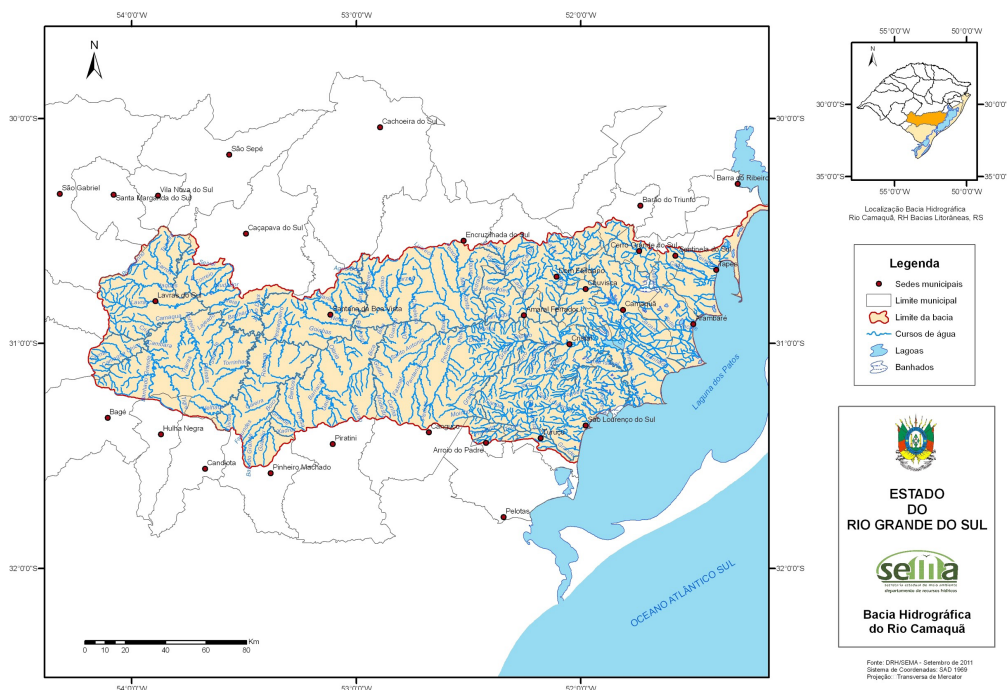
“Estava tudo se liquidando, o pasto tomando conta das plantações, as árvores morrendo de velhas, a criação se terminando, e agora, a lo más, as coisas eram diferentes, era tudo moderno, ninguém queria saber de caixa de doce, compota caseira, fruta seca, galinha viva... Estava tudo mudando...”

Aldyr Garcia Schlee, *Linha divisória*, 1988

O pampa é um bioma campestre, temperado, subtropical, que cobre mais de 750.000 km² da América do Sul, com planícies que compreendem as províncias mais orientais da Argentina, a “metade sul” do estado do Rio Grande do Sul e o território da República Oriental do Uruguai. No pampa, predominam planícies que, em sua vastidão, ultrapassam as fronteiras geopolíticas do Brasil, do Uruguai e da Argentina e foram objeto de disputa, de tensão e de indefinição ao longo das formações históricas nacionais (BARETTA; MARKOFF, 1978). Segundo dados do IBGE, de 2004, o pampa corresponde a 176.496 km² do Rio Grande do Sul, 63% da extensão do território estadual, 2,07% do território brasileiro. A paisagem pampeana, geralmente, é descrita pela cobertura densa e variada de espécies de gramíneas nativas, com estreitas matas ciliares às margens de cursos d’água e ondulações suaves das coxilhas. Entretanto, o pampa, concebido, muitas vezes, como um todo homogêneo, monótono, marcado por planícies infinitas, coberto de campo, com poucos marcos que sirvam como referência espacial, apresenta e é composto por uma diversidade de ambientes.

Tal diversidade pode ser destacada pela particularidade dos chamados *campos dobrados* ou *campos de pedra*, na parte alta da Bacia Hidrográfica do Rio Camaquã, na região do Alto Camaquã, Serra do Sudeste. Enquanto a paisagem dos “*campos lisos*” ou “*campos planos*” é descrita pela cobertura de espécies de gramíneas, ideais como pastagem de rebanhos, os *campos de pedra* caracterizam-se pelos acidentes geográficos, peraus íngremes e *guaritas*, formações rochosas cobertas por uma vegetação herbácea, associada a uma vegetação arbustiva e arbórea de pequeno e médio porte, especialmente, nas margens tortuosas do Rio. Um mosaico de campo-floresta e gramíneas lenhosas. São caraguatás, sarandis, vimes, corticeiras, pitangueiras, que crescem por entre as pedras e as várzeas, nos banhados e sangas, entre o capim santa-fé e as *tunas* (espécie de cacto), que indicam a riqueza hídrica da Bacia Hidrográfica.

Imagem 1: Bacia Hidrográfica do Rio Camaquã



Fonte: Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Camaquã

Este artigo é um desdobramento da pesquisa produzida pelo *Inventário Nacional de Referências Culturais – Lida Campeira na Região de Bagé/RS* (INRC Lida Campeira)¹, que percorreu municípios como Arroio Grande, Pelotas, Bagé, Hulha Negra, Herval, Aceguá (Brasil), Aceguá (Uruguay), Jaguarão e Piratini, denominada região de *campos lisos* – etnografando os saberes e modos de fazer dos peões campeiros, que resultou em um conjunto de relatórios entregues ao IPHAN, no ano de 2013. Quando iniciamos o processo de devolução do conhecimento produzido na primeira fase do INRC Lida Campeira às comunidades que participaram do Inventário, fomos convidados pela *Associação para o Desenvolvimento Sustentável do Alto Camaquã* (ADAC) para apresentarmos o trabalho em uma reunião com a Associação. O argumento era o da peculiaridade da região do Alto Camaquã, que poderia trazer desdobramentos para a realização de um inventário específico, relacionado ao projeto de desenvolvimento endógeno proposto pela comunidade.

A região do Alto Camaquã é marcada por um paradoxo: por um lado, é a região mais preservada do bioma pampa, com 80% da cobertura vegetal natural, mas, por outro, é considerada, pelo Estado, como a mais parte mais empobrecida do Rio Grande do Sul. Municípios como Santana da Boa

¹ O INRC - Lida Campeira na Região de Bagé/RS configurou-se a partir da demanda da Prefeitura de Bagé, com financiamento e cedência da metodologia pelo IPHAN. O plano de trabalho foi executado Bacharelado em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas, com trabalho de campo realizado no período de 2010 a 2012. A entrega dos Relatórios Finais, dos 05 Filmes e do CD-room Interativo foi realizada em 2013. Os relatórios se situam em análise no departamento do Patrimônio Imaterial, no IPHAN. (RIETH *et al.*, 2013). A partir de 2016, houve a extensão dessa metodologia para a região do Alto Camaquã, na Serra do Sudeste, por meio do INRC - Lida Campeira nos Campos Dobrados do Alto Camaquã. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/lidacampeira/>>. Acesso em: 21. mai. 2019.

Vista, Encruzilhada do Sul, Canguçu e Piratini ocupam os últimos lugares no *ranking* do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Estado. O pesquisador Marcos Borba (2016: 187) entende que isso deve-se ao fato da região não ter atingido “êxito na implementação dos modelos de desenvolvimento propostos”. Nos municípios do Alto Camaquã, o número de estabelecimentos voltados para a agropecuária de caráter familiar variam entre 79% e 87%. Nesse modelo, o modo de vida é constituído a partir de uma estreita relação com o ambiente, com os *campos de pedra*, a partir da pouca dependência de insumos externos e da autonomia em relação aos mercados. Ao mesmo tempo, os índices de renda são baixos, em função dos moradores venderem os animais quando precisam, uma vez que a criação funciona, para além da alimentação, como uma espécie de “poupança” (PORTO; BEZERRA, 2016).

A autonomia em relação aos mercados internos, a topografia de terrenos ondulados, os solos rasos e a associação entre a vegetação arbórea com vegetação herbácea, um mosaico de “*campo sujo*” e mato, constitui, para Borba (2016), alguns dos fatores que explicam o desinteresse, por muitos anos, dos projetos de modernização agrícola na região. Nesse sentido, a Embrapa Pecuária Sul/Bagé, elaborou um projeto de desenvolvimento territorial endógeno, ou seja, com centralidade aos modos de vida e nas relações dos habitantes com o ambiente, em que “aos atores locais lhes sejam facultados o direito de gerar referências próprias, uma ‘vara de medir local’ para definir as estratégias de mudança” (BORBA, 2016: 204). Desde 2010, tal estratégia vem sendo desenvolvida na região por meio da ADAC, fruto da articulação entre pecuaristas familiares e parceiros, como universidades, Embrapa, Emater. A ADAC é uma rede de associações comunitárias, localizadas nos municípios que integram o projeto. Envolve um número aproximado de 500 famílias – cerca de 2 mil pessoas – distribuídas em 25 associações. O objetivo é “apoiar e promover a preservação do patrimônio histórico, do meio ambiente, das culturas étnicas e produtivas do Alto Camaquã” (BORBA, 2016: 207).

No trabalho de campo, realizado nos anos 2017 e 2018, entre o Distrito de Palmas, em Bagé, o Distrito Coxilha do Fogo, em Canguçu, e o Distrito do Barrocão, em Piratini, percebemos que a premissa para pensar a *lida campeira* a partir da relação entre animais humanos, animais não humanos, coisas e ambiente era evidenciada e reforçada pela paisagem do Alto Camaquã. A relação com o ambiente ganha relevância ao observarmos as diferenças dos manejos nos *campos lisos* e nos *campos dobrados*, conforme indicação dos interlocutores e interlocutoras. A fala do senhor Leomar, quilombola residente no Quilombo de Palmas, no interior de Bagé, ressalta que peão de *campo liso* “*não se adapta em campo de pedra*”, devido aos perigos de cavalgar pelas formações rochosas, próximo a peraus, em condições de neblina, de cerração e de chuva. Desafios que somam-se ao cotidiano da *lida*, retratada como “*lida brabíssima*” (RIETH; LIMA; BARRETO, 2016).

Na perspectiva de Tim Ingold (2010; 2012; 2015), habitar um ambiente é, também, juntar-se ao processo de formação do mesmo. De acordo

com o autor, o ambiente é resultado do emaranhado de linhas, em que cada elemento, humano e não humano, interage, em trajetória contínua de devir, na medida em que movem-se e são enfeixados em combinações diversas. Nesse sentido, todos os seres são vivos e com vida. Naquilo que fazem, constituem as condições de existência uns dos outros. O Alto Camaquã é reconhecido enquanto local de reprodução dos rebanhos ovinos, caprinos e bovinos, que são vendidos para outras regiões, geralmente, ao completarem um ano, onde concluem o ciclo de criação, e de vida e de morte. Em envoltórios corporais, os bichos aprendem. Conforme Vera Colares, pecuarista familiar em Bagé/RS: “*Os animais das Palmas é para qualquer lugar no mundo, eles aprendem o que comer e o que não comer, como o timbó ou mio-mio, em função da biodiversidade*”. A criatividade, como a improvisação, é inerente aos movimentos das trajetórias, conforme os elementos surgem em campo. Em suas itinerâncias e entrelaçamentos, humanos e outros animais aprendem num processo de “educação da atenção”, em um movimento contínuo e atencional, de olhar, de ouvir, de sentir e de aprender, na interação de uns com os outros.

Nos *campos de pedra*, o uso do cachorro é fundamental (BARRETO, 2015), uma vez que sem cachorro não é possível camperiar nas Palmas, conforme afirmam, muitas vezes, em campo. São os cachorros que retiram algum bezerro desgarrado, uma ovelha extraviada no mato ou recolhe uma cabrita perdida – considerada um “*bicho danado*”, “*bicho que gosta de pedra*” – em lugares perigosos, inacessíveis aos humanos e aos cavalos. O nome da égua da Vera é Cai-Cai, justamente pela falta de habilidade do animal em cavalgar em terreno pedregoso. O manejo tradicional da pecuária extensiva segue a lógica da caça, mesmo que tratando-se de caça à animais domesticados. A parceria entre o campeiro, o cavalo e o cachorro na *lida*, os arreios, as técnicas da doma (LIMA, 2015) e as do pastoreio performam o confronto entre a caça e o caçador (RIETH; LIMA; BARRETO, 2016). Da mesma forma, o depoimento da pecuarista familiar Vera Colares, corrobora com esse argumento quando fala dos nomes dos cachorros da propriedade: Maleva, Tirana, Cruel e Bagunça. “*Nomes que têm força. É cachorro para guerra, para lida. Deve cuidar da casa, da caça.*”

Ao mesmo tempo, a *lida campeira* é realizada, em grande parte, por membros dos grupos familiares, com apoio de redes de relações com parentes, com destaque para a marcante presença das mulheres nas atividades. Dessa forma, como comentou o pecuarista familiar Rudinei de Oliveira, de Piratini, “*na lida é eu, a esposa e o cachorro*”. Outra interlocutora, dona Zeni Crizel, moradora do interior de Piratini, que realiza as atividades cotidianas da propriedade apenas com auxílio de cães *ovelheiros gaúchos*, afirmou que a “*mulher faz as mesmas coisas que o homem. Basta querer.*” A atuação feminina em campo, porém, chama a atenção para a complementaridade entre as *lidas caseiras* e as *lidas no campo*, já que cabe às mulheres, também, o cuidado diário das propriedades, de manejo dos animais, de relação com “a bicharada”.

RIO, MATO, CASA, PEDRA, CAMPO

Os pesquisadores Rafael Gastal Porto e Antônio Jorge Bezerra (2016), em uma caracterização socioeconômica da pecuária familiar em Bagé/RS, evidenciam que o município conta com 2 mil unidades de produção, sendo 1400 de caráter familiar. Por conseguinte, do universo de 1400, 400 unidades são dedicadas à pecuária de corte como atividade principal, representando 28,75%. O distrito de Palmas era o mais representativo em termos de pecuária familiar, onde cerca de 80% das propriedades utilizam o pastoreio contínuo, com campos nativos, como fonte de alimentação dos animais. Outro dado é que, das propriedades anteriormente citadas, 85% são voltadas para a cria, com a venda dos terneiros para intermediários, produtores que compram lotes para a terminação, ou *engorda*, do animal.

Para os autores, em primeiro plano, os animais estão voltados para o consumo e para atender necessidades básicas das famílias. A venda de lotes de animais dá-se em função de adquirir renda para cobrir despesas, bem como para gastos imprevistos e casos extraordinários. Nesse sentido, a criação é concebida como mercadoria de reserva, como uma “poupança”. Por fim, os autores chamam a atenção para a renda não agrícola, em que um alto número de pecuaristas familiares possui renda proveniente de outras atividades, como funcionários públicos, assalariados rurais ou aposentados rurais. A isso, tem-se a elevada faixa etária desses produtores, cerca de 70% com idade acima dos 40 anos.

Vera Colares, contabilista e aposentada da Receita Federal, é moradora de Palmas. Anteriormente, morou nas cidades de Porto Alegre, Pelotas e no núcleo urbano, em Bagé. Conta que, porém, sempre manteve o vínculo com a *lida* na propriedade, acompanhando as atividades nos momentos de folga do trabalho como funcionária pública. Ao se aposentar, a interlocutora retornou para o imóvel rural de sua família. Reside, atualmente, com sua mãe Eny Scholante Collares e é responsável pela organização das atividades da propriedade, onde executa todas as etapas, acompanhada por um peão assalariado. Sobre a *lida campeira*, a interlocutora comentou: “A *nossa lida é em campo nativo, a criação é extensiva. Os animais ficam soltos e eles vivem bem, em contato com a natureza.*”

As atividades de preparação para a *lida* no campo são entendidas como parte da *lida caseira*. Pela manhã, após tomar chimarrão à beira do fogo na lareira, Vera e Regis, *Rejão*, funcionário da propriedade, iniciam as atividades. “*De manhã, quando a gente acorda, a gente já começa a trabalhar com os animais. A gente alimenta as galinhas, que nessa época estão com pintinhos. Depois vamos dar comida para os porcos e tirar leite das vacas. E também a gente tem que alimentar os guaxinhos [filhotes amamentados na madeira] que estão em casa, que são os cordeirinhos e cabritos que perderam a mãe e a gente leva para criar em casa.*” Após, vem a *lida* no campo. “*A gente pega o cavalo, encilha, e vamos camperiar, juntamente com*

os cães. Nessa época [início da primavera], a natureza toda está se reproduzindo. As vacas estão dando cria, as ovelhas estão dando cria, as cabritas estão dando cria. Então é necessário que a gente passe quase todos os dias no campo para verificar se está tudo bem, porque se uma vaca se trancar com o terneirinho [distocia], ela pode morrer, o terneirinho pode morrer, sendo necessário que a gente faça uma revisão quase que diária.”

Ainda de acordo com a interlocutora, *“a gente vai para o campo com os cavalos e com os cães. Juntamos o gado em determinado lugar, que chamamos de rodeio. E, ali no rodeio, a gente faz a verificação dos animais, para ver se está tudo bem, se não têm animais doentes, etc. Tem um lugar que chamam rodeio ou parador, que já é habitual reuni-los sempre ali. Então, eles já sabem que têm que ir por ali. Tu atiças os cachorros atrás deles e eles vão se dirigindo para esse lugar. Às vezes, querem ficarem escondidos, no meio do mato, e tu manda os cachorros entrarem no mato e correr eles de lá. [Com os animais no rodeio] A gente pega os terneirinhos recém-nascidos e curamos o umbigo deles para que as moscas [Dermatobia hominis] não ponham vareja e ele não fique doente. É muito comum as vacas darem cria e esconderem os filhotes no mato. Ai tens que procurar mesmo. Tem que entrar a pé no mato, às vezes, os cachorros não acham. Outras vezes, passam dois dias e as vacas acabam levando os filhotinhos para o campo limpo. Ela vem pastar nos lugares limpos e acaba enxergando ela. O ideal é deixar em potrerinho, sem matos. O pessoal quando vê, dois ou três dias antes, que elas vão dar cria, pois elas começam a encher o úbere, levam para esses lugares. Isso é, como dizem, a lida habitual, diária. Assim, umas duas vezes por semana tens que fazer isso, recorrer todo o gado para ver se não tem bicheira. Na época da primavera, o ideal, seria fazer isso todos os dias.”*

Na propriedade de Vera, o manejo consiste em trazer os animais para o cercado próximo à casa, algumas vezes na semana, onde Regis Colares, *Reginho*, médico veterinário de formação e agente comunitário de saúde, acompanha os nascimentos dos filhotes e verifica a presença de doenças ou verminoses, pouco comum nas cabritas, por, segundo ele, alimentarem-se *“de chá”*. A presença humana, dessa forma, atua na proteção, na alimentação e na cura de algumas doenças. *“Tu pega um cabritinho, aí, que tá morrendo, praticamente. A gente leva pra dentro de casa, bota na beira da lareira, dá-lhe remédio, só ali, no futuro, pode te dar algum lucro. Talvez, nem te dê. Só que é um estilo de vida diferenciado”*, defendeu Regis. Segundo o veterinário, *“as cabras vivem nas pedras.”* Nesse sentido, manter um manejo semanal é importante para que não aconteça o asselvajamento das cabritas, que são bastante autônomas e, na ausência humana, desrespeitam limites e se embrenham nas matas, em busca de alimento. *“A cabrita vai.”*

“As pedras estão vivas!”, contou-nos Vera. Algumas possuem nome. São co-habitadas, além das cabras, por matos de bromélias, coqueiros, tunas, bichos do mato, cobras. Entretanto, Vera concebe as pedras como o *“reino das cabras”*, pois têm lugares que somente elas conhecem o acesso. Lugares ao qual o acesso humano ocorre somente por mediação de instru-

mentos, como cordas, escadas, cabos de aço. “*Somente os pássaros vão mais longe.*” Assim, as pedras estão vivas porque são uma reunião de vidas, uma mistura de diferentes combinações e transformações (INGOLD, 2012, 2015). Os caminhos por entre as rochas são construídos pelas cabras. Mas, até elas perdem-se. Sobem em lugares e não conseguem voltar. Podem morrer, caso não sejam resgatadas. Uma relação de co-tornar-se, por meio do envolvimento com outras espécies, com outros modos de vida, por caminhos imersivos de conhecer, que consideram e envolvem os demais seres que habitam o ambiente, bem como as relações entre eles (DOOREN; KIR-SKEY; HÜNSTER, 2016).

Conforme Vera, “*as cabritas têm casco mole, precisam das pedras para gastar o casco*”, já as ovelhas necessitam de ambiente seco, como o de pedra, para não adquirir frieira, doença que pode levar o animal à morte. As ovelhas são consideradas um animal frágil, que não é de mato. Se enreda nos galhos e não consegue sair. Os interlocutores afirmam que elas gostam de manter contato visual, ver umas às outras. Por isso, seria mais difícil de alguma desgarrar-se do grupo, ao contrário das cabritas, que não respeitam cercas e enfiam-se em pontos mais altos das formações rochosas. “*Em relação as ovelhas, a gente, de três em três dias, junta o rebanho. Elas são bem fáceis de lidar. A gente só toca [com a ajuda dos cachorros] e vem praticamente todas para dentro da mangueira. A gente faz a revisão para ver se está tudo certinho, se não tem nenhuma doente, abichada. É necessário juntar seguidamente, porque, as ovelhas, são muito sensíveis. Se elas adoecerem, e tu não juntar, em poucos dias elas poderão morrer. Nessa época, elas estão dando cria e temos que cuidar os predadores como o sorro [Lycalopex gymnocercus]. Os corvos, também, podem matar os animaizinhos. Os caranchos, também. Então, a gente tem que estar sempre revisando para evitar a perda desses animais.*”

Dona Vanda Rosa Tarouco, pecuarista familiar na localidade de Barroco, em Piratini, cria bovinos e ovinos com a ajuda do marido, senhor Celso Tarouco, que estava com 71 anos, em 2017. “*Tem gado [bovino] e ovelha. Mas a ovelha é pouquinho. Até vamos vender um pouco, esse ano. Vamos deixar só umas dez, para carne. Eu não gosto de ovelha. Só gosto de gado. Nós temos 104 gados criados e mais 36 terneiros.*” Dona Vanda aprendeu o cotidiano de trabalho na propriedade de seus pais. “*Eu nasci e me criei no campo. No tempo do boi de arado. Eu era boa para lavrar. Sempre ajudei meu pai. Ele tinha 10 filhos. Então, a gente se criou sempre na lida. O guris foram crescendo e indo embora. As gurias é quem foram ficando e trabalhando na lavoura.*”

Após o casamento, dona Vanda passou a residir na cidade de Pelotas, onde permaneceu por 30 anos. O retorno à vida rural ocorreu em 2002. “*Quando nós viemos para cá, ele [Celso] me disse: ‘Eu vou para fora contigo, mas tu sabe que eu não gosto de criação. Não vou me preocupar com isso.’ Então, a criação é comigo. E ele fica limpando o campo. O que gosta de fazer é limpar o campo. Agora ele tem me ajudado, a minha cachorra morreu.*” A

pecuarista faz a *lida* a pé, ou seja, sem estar montada em um cavalo, acompanhada de cães da raça *ovelheiro gaúcho*. “*Eu campereio a pé. Junto cento e poucas reses. Perdi minha cachorra, a Filó. Só eu e ela juntávamos todo o gado. Agora eu tenho que levar o meu cunhado e o Celso para ajudar a juntar. Eu digo, bah, essa cachorra vale por dois homens no campo!*”

A égua Girafa, com 25 anos de idade, é utilizada por dona Vanda apenas para ir na outra propriedade da família, distante 7km de onde reside. “É para deslocamento. *Para juntar o gado, é a pé.*” Na época da entrevista, a cachorra Filó acabara de falecer, em função de envenenamento. “*Era uma cachorra bem linda, barbaridade! Às vezes, quando eu vou juntar o gado, eu choro no campo. Era duas pessoas que eu tinha para ajudar. E ela não tinha preguiça. Ela camperiava comigo. Eu só parava e dizia: ‘Vai!’ Ela me olhava e eu dizia: ‘Traz!’ E ela ia lá e juntava. Trazia o gado todo encarreirado.*” Entre as atividades cotidianas, as *lidas caseiras* estão intercaladas com as *lidas campeiras*. A atividade de banhar o gado é realizada às 6h da manhã. Outras vezes, nesse mesmo horário, dona Vanda está no campo juntando o gado para dar sal. Noutros momentos está em casa realizando as atividades no entorno da casa, como trabalho na horta e cuidado de algum bicho criado *guaxo*.

“*Eu que cozinheiro*”, comentou dona Vanda. “*Esses dias estava pensando em contratar alguém que pudesse, ao menos, umas duas vezes por semana. Eu gosto de fazer a comida. Mas, às vezes, a lida da casa atrapalha a gente, né. Minha rotina é: vou no campo, volto, faço o almoço, passo uma vassourinha na casa, lavo a roupa e boto na corda, lavo a louça. Às vezes, peço para meu marido lavar.*” A seguir, é a *lida* no campo. “*Todos os dias é juntar o gado e dar sal.*” O objetivo da *lida* é, também, amansar a animalidade do gado, na convivência com os humanos. “*Quando a gente dá sal, e quando eu desmamo os terneiros, eu deixo eles 10 a 15 dias na mangueira. Eles ficam bem mansos. Pega um balde e sai e eles saem atrás da gente. O gado da raça Red Angus é o mais manso que existe para a gente lidar.*” Na estação do verão e da primavera, a interlocutora não trabalha no campo em horários de sol quente. “*Só saio para o campo depois das 16h. A gente tem que respeitar o sol.*”

Nesse sentido, a *lida campeira* é uma atividade em que os trabalhadores acompanham os ciclos da criação, os horários do sol, os períodos de chuva e de estiagem, a especificidade dos rebanhos, a relação predatória entre animais, mesclada com a racionalização do próprio trabalho e as tecnologias desenvolvidas no campo científico. Ao refletir sobre a *lida*, acionamos uma rede de relações, que compreendem a paisagem como elemento que constitui o manejo e envolve a presença dos rebanhos, mediante ações de cuidado, aproximação, desefa contra outros seres. Demonstrem as dinâmicas entre os caminhos da região, por meio de redes de parentesco, de reciprocidade, bem como novos arranjos, em combinações familiares criativas. Uma malha composta por engajamentos de vida, uma vez que a *lida campeira* é um saber e um fazer constituído por meio de trocas, compartilhado

em momentos de encontro, de aproximação, entre humanos, outros animais e ambiente, onde detém-se apenas parcialidades do conhecimento, nunca sua totalidade.

BICHOS DO CAMPO, BICHOS DO MATO, FRUTAS DO MATO, FRUTAS DA QUINTA

No trabalho etnográfico, acompanhamos seu Beto, pecuarista familiar e peão campeiro, no distrito de Palmas. A *lida* é realizada com os cachorros, que seguem as indicações do peão. A partir da mensagem “*ataca lá, ataca lá*”, os cães começam a correr ao redor dos animais, enquanto latem, rosnam. Com isso, o gado começa a se reunir e a dirigir-se para determinado lugar. Seu Beto tinha cinco cachorros que o acompanhavam nos trabalhos. O Lechiguana, o Tigre, a Diane, o Campeiro e a Barbuda. Montado a cavalo, seu Beto coordenava o trabalho dos cães. “*Ataca lá!*”, “*volta lá!*”, “*oia lá*”, “*ataca de fora*”. Cada mensagem era atendida imediatamente pelos cães, que corriam e latiam.

“*Ataca lá!*” significa que os cães deveriam ficar atrás dos bois e, caso não sigam o caminho, ameaçar morder no “*garrão*”. “*Abre*” significa dizer que o cão deveria deixar de atacar. “*Volta*” é para voltar para trás, para a culatra da tropa. “*Oia lá*” chama a atenção quando um boi está desgarrado dos outros, saindo do grupo. Enquanto uns atacam, outros rodeiam, em volta da tropa. Um trabalho em equipe, uma relação visual e falada de constante “vigilância recíproca” (SÜSSEKIND, 2014). O incentivo aos cães deve ser dado na medida certa, pois o objetivo não é morder, o que poderia ferir a pata do animal, mas avançar com ferocidade suficiente para que o comando de seu Beto seja obedecido e o boi não entre no mato.

Os *campos dobrados* são descritos, em alguns momentos, como “*campos sujos*”, devido à variedade de gramíneas, de arbustos, de árvores, de diversos portes, que servem de alimento e de esconderijo aos rebanhos, e são diferenciais na criação. Não por acaso, o Alto Camaquã, com difícil acesso, devido aos peraus, penhascos e *guaritas*, serviu como local estratégico, enquanto “fuga para dentro” (KOSBY, 2017), utilizado por diversos coletivos ao longo da sua formação histórica e sociocultural. Essa é a região mais preservada do Bioma Pampa, justamente porque as populações tradicionais – pecuaristas familiares, quilombolas, grupos indígenas, ribeirinhos, entre outros – que o habitam historicamente, aprenderam a manejar de forma sustentável o ambiente. O meio pampeano apresenta-se na sua diversidade, em *campos lisos*, *campos dobrados* ou *campos de várzea*, de banhado, destacando-se a importância da Bacia Hidrográfica do Rio Camaquã.

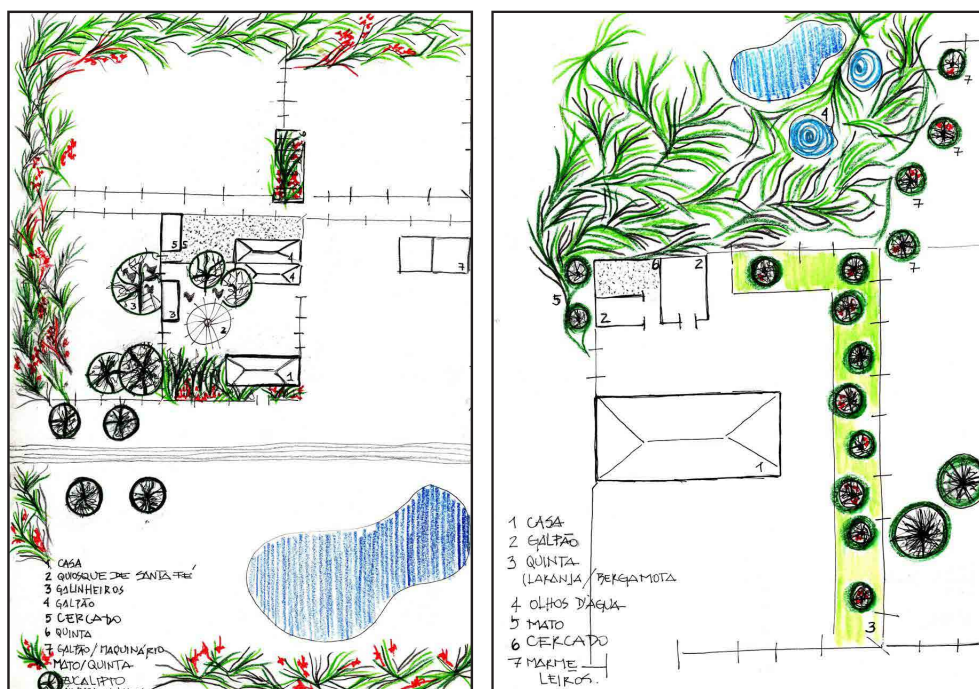
A presença dos rebanhos bovinos, ovinos e caprinos constituem a paisagem, passeiam por ela, na busca de água e comida. Conforme a pesquisa de Marília Floôr Kosby (2017), sobre a criação de caprinos no Quilombo de Palmas, as cabras são animais de *campo dobrado*, ambiente seco, de

pedra. Gostam de andarilhar, precisam de espaços amplos e não convivem bem quando confinadas. Passeiam solitárias ou em pequenos grupos pelas pedras e campos, onde há grande variedade de gramíneas e de árvores de pequeno e de médio porte, bem como aguadas. A espécie não tem um período regular de cio, tendo várias crias a cada gestação. O número de bodes é pequeno, controlado pelos quilombolas. Passeiam mais arredios pelo campo. Isso faz com que alguns filhotes machos sejam castrados, os *cabritos*, para tornar a carne mais macia e o animal mais dócil. O leite de cabra costuma ser valorizado na alimentação das crianças do Quilombo, considerado mais nutritivo e “*forte*” que o leite de vaca.

Às cabritas são creditadas, também, algumas das alterações na paisagem campeira, como a presença de grande número de pitangueiras, segundo interlocutores, devido às sementes que elas transportam, bem como por “limpar” trechos, conforme comem vegetação e folhagens até a altura onde alcançam. São reunidas e alimentadas com milho, algumas vezes na semana, aos chamados de “*cabrita*” ou de “*chiba*”. Para Kosby (2017: 29), é comum vê-las atravessando as estradas da região, indo de um mato para outro. Usam cangalhas e uma assinalação nas orelhas, como forma de indicarem os proprietários, já que as terras do quilombo são de uso coletivo. A estratégia delas para manterem-se alimentadas é a itinerância pelos matos e peraus. “Andam soltas, caminham muito, mas há um triângulo de madeira pesando em seus pescoços. Elas não ficam só pelo Quilombo, vão onde houver comida, comem brotos, comem o mato, quase não pastam.” Algumas precisam ser caçadas a tiro, de tão *bagualas*, *xucras*, que ficam. Outras convivem diariamente ao redor da casa, *guaxas*, acostumadas ao convívio, sendo difícil de consumi-las.

De acordo com seu Beto, “*casa que não tem quinta é tapera*.” Observando as *quintas*, os pomares e os “*arvoredos*”, nas propriedades de Palmas, em Bagé, ou do Barrocão, em Piratini, percebe-se uma continuidade entre a *quinta* e o mato. Na *quinta*, tem marmeleiro – espécie do mato –, tem figueiras, goiabas do mato, goiabeiras, bergamoteiras e laranjeiras. A pitanga e o araçá são frutas nativas, dão no mato, na beira da estrada, nem se precisa plantar. Os figos podem ser colhidos aos poucos, ao longo do ano. São guardados no congelador, até ter o suficiente para uma receita de doce ou para uso ocasional.

Imagem 2 e 3: Esboço de propriedades no Alto Camaquã



Fonte: Flávia Rieth

No desenho das propriedades, tal relação fica evidente no manejo do mato como proteção da casa, como quebra vento, como proteção das nascentes e na manutenção da água no cotidiano da propriedade. O mato, também, protege as *quintas*. O marmeleiro, por exemplo, é plantado na borda do mato, para não sofrer os efeitos da geada. Nesse modo de vida, observa-se que a continuidade entre o mato, o campo, a casa e a *quinta* denotam o compartilhamento da vitalidade entre Naturezas e Culturas. Uma substância que alimenta os sujeitos humanos e os animais. E, assim, os constitui. No mato e na *quinta* tem a produção das frutas, no campo os rebanhos alimentam-se do pasto e das frutas que garantem a qualidade e o valor da carne dos animais criados de forma extensiva. Assim, a culinária campeira faz-se de carne e derivados, de leite, de ovos e das frutas produzidas nas propriedades. Alimentos que acompanham o calendário do plantio.

Márcia Cristina Colares faz doces de figo, pessegada, marmelada, que são consumidos conforme a sazonalidade da produção, embora muitas frutas sejam congeladas para ampliar o período de consumo. Conforme Márcia Cristina: “As figueiras dão frutos nos meses de outubro a janeiro, os pessegueiros e os marmeleiros dão frutos nos meses de janeiro a março.” De acordo com Karina Scholante: “Nós fazemos ambrosias, doces de batata, de abóbora, rapadurinha de leite, figada, doce de pera, pessegada, depende da estação, da época. Os pães caseiros, a broa, faz parte da alimentação rural.” Doces feitos de leite são produzidos o ano inteiro, tais como rapaduras e ambrosias. Na época das crias das vacas, aumenta a quantidade de leite disponível. É o momento em que mais se produz doce a base de leite, que

inclui bolos e cucas, com recheio de doce de leite. Alimentos a base de carne e embutidos estão, também, presentes na mesa o ano todo.

Os saberes sobre a culinária movimentam parentes e receitas em momentos especiais, por meio da circulação de ingredientes e de doces entre as famílias da região. Trazem memórias a respeito da carneação de animais, da “*matação*” de porcos. Momentos de encontro, de trocas, de reciprocidade. Vera afirma que o ambiente das Palmas “*tem cheiro e tem gosto*”. É perceptível pelos sentidos de humanos e de outros animais. A estação do ano mais bonita, segundo a pecuarista, é a primavera, pelo ciclo da criação, época de nascimentos dos filhotes e da floração, em que as temperaturas ficam amenas, passado o inverno. Processos que se confundem com o fazer culinário, que alimenta os corpos e a imaginação dos sentidos na culinária campeira, com os doces de frutas, ambrosias e as comidas a base de carne e derivados, como o queijo de porco. O cozinhar processa a mistura entre ambiente, animais humanos e não humanos, como as abelhas, que trabalham na polinização e são consideradas agentes importantes para a floração e para a diversidade frutífera do Alto Camaquã, com presença de espécies nativas do pampa. Não se come chumbo, nem prata, nem zinco, nem ouro, nem mercúrio. Substâncias que quando absorvidos pelos organismos não podem ser eliminados. Minerais que, quando retidos no corpo, geram a doença e a ruína desses ciclos de vida.

A pecuarista Márcia Colares, de Palmas, recorda do desastre ambiental que aconteceu em 1989, quando uma barragem de rejeitos da mineração de cobre rompeu. Na época, as águas ficaram vermelhas. Logo depois, os peixes começaram a morrer e cobrir a água. A pecuarista lembra do cheiro dos peixes em decomposição e do medo que os pais e demais moradores ficaram de entrar no Rio. Conforme Márcia: “*Foi ali na divisa, na virada do ano. Teve um transbordamento de produtos químicos no Rio, que deixou a água toda vermelha. E matou toda a vida do Rio, naquela época. Eu lembro, assim, da tristeza profunda do meu pai, que já é falecido agora, e dos meus tios todos. Que eles diziam: ‘Eu acho que eu não vou mais ver dourado no Camaquã.’ Eles diziam. E aquilo ali para eles era uma facada no peito, assim. Eles falavam isso com muita tristeza.*” O Camaquã, que era farto de grumatãs, dourados, piavas, pintados, jundiás, ficou sem peixes, segundo interlocutores que vivem às margens do Rio.

Da mesma forma, os caminhos da lã apontam para a prática do artesanato, conhecimento que desdobra-se em fazeres e saberes. O artesanato em lã evidencia a relação entre animais humanos, animais não humanos, coisas e ambiente, por meio de um exercício de invenção, de inscrição, de imaginação. Saberes que reportam-se à criação das ovelhas no campo, às raças das ovelhas, às diferentes técnicas de tosquia do animal, à lavagem e, ocasionalmente, o tingimento dos velos, ao cardar a lã, ao fazer o fio na roca ou no fuso para, então, tecer a peça. Ponchos, palas, cobertas, boinas, casacos, xergões, provém da ovelha e constituem as vestimentas e os apetrechos da *lida campeira*. Ao acompanhar os caminhos da lã, compreendemos

uma grande variedade de técnicas de confecção. Universo que inclui rocas manuais e rocas elétricas, cardas manuais e cardas de tambor, diversos tipos e tamanhos de teares, materiais que são adquiridos prontos, herdados de geração em geração, assim como, também, construídos pelas próprias artesãs e artesãos.

Como afirma Edison Lunes, presidente da *Cooperativa de Lã de Jaguarão*, a lã possibilita a produção de uma infinidade de produtos. Como exemplo, cita a Argentina, onde parte do sistema penitenciário está substituindo os colchões convencionais por colchões feitos de lã, devido ao fato do material ser um isolante térmico menos inflamável; assim como o vestuário esportivo, que tem optado pela lã, uma vez que ela mantém a temperatura, propiciando equilíbrio térmico. Segundo dados do IBGE, de 2016, o Estado é o maior produtor de lã no Brasil, responsável por 95% de toda a produção do país, com aproximadamente 11,5 milhões de quilos ao ano. Há uma diversidade de ovinos, cada raça produz um tipo de lã, utilizada para determinado tipo de produto. Assim, a lã fina é mais procurada para peças de vestuário e a lã grossas é mais usada em tapetes e xergões. Segundo Edison, 30% da lã é utilizada para abastecer a demanda interna, o restante é exportado para o Uruguai, sem beneficiamento. Conforme o relato, cerca de 50% dessa lã, beneficiada, é exportada do Uruguai para a China.

Temos várias localidades onde desenvolve-se o artesanato em lã, como Bagé, Caçapava e Piratini, com a opção por diferentes técnicas, materiais e instrumentos. Tais saberes, entretanto, não encontram-se isolados, mas em constante fluxo. Na *1ª Feira Estadual de Artesanato do Pampa*, em Bagé, onde realizamos trabalho de campo, encontramos artesãos e artesãs de diferentes regiões, mas que tinham conhecimento do trabalho e faziam contato com os colegas. Por meio de feiras e de exposições, encontram-se informações, experiências, conhecimentos, objetos, modos de fazer, que reforçam vínculos. O caminho da lã se dá na circulação de mulheres e de homens por feiras e cursos, para onde convergem uma malha de relações. Essa rede conta com o apoio da atividade de extensão da EMATER e de outras instituições, que promovem projetos de incentivo e de valorização da criação de ovinos, tendo em vista o melhoramento genético do rebanho, a qualidade da carne e da lã. A EMATER cumpre um papel importante, também, na realização de cursos e de oficinas para as famílias produtoras de artesanato em lã, ensinando formas de beneficiar a lã na propriedade, gerando maior valor econômico agregado. O Rio Grande do Sul, tradicionalmente, têm rebanhos ovinos voltados para a produção de carne e de lã.

O artesanato em lã, acompanhado pelo Inventário, percorre um caminho, onde o processo da lã tem seu início no campo, com a criação de ovinos, onde é realizada a seleção genética dos rebanhos, assim como o melhoramento no manejo, como forma de obter uma lã com maior qualidade, no caso a finura, mensurada pelo processo de *micronagem* (a milésima parte de um milímetro). Quanto mais fina a *micra* maior o valor de mercado. A qualidade e o destino do fio vão depender do diâmetro da fibra da lã, uma

vez que os mais leve são mais procurado, em função do acabamento das peças e do conforto no corpo. A *micronagem* é realizada em campo pela *Associação Brasileira de Criadores de Ovinos* (ARCO). Resulta em um brinco, com os quais as ovelhas são identificadas.

A rastreabilidade permite que sejam criadas “matrizes” de animais com a melhor *micra*, o que auxilia no acompanhamento da qualidade da lã. Para a artesã Andrea Madruga Garcia, no interior de Piratini, porém, “*não existe lã ruim, cada uma vai se prestar para um serviço.*” As atividades manuais do artesanato e da culinária tomam a dimensão de operadores do compartilhamento de Naturezas e Culturas: as frutas vem da *quinta* e do mato, os rebanhos comem o pasto do campo, o gado é alimento dos animais humanos, mas, também, de predadores, bichos do mato, como cobras, gaviões, *sorros*, javalis [*Sus scrofa*] (SORDI; LEWGOY, 2017). Atividades desempenhadas por coletivos, famílias e comunidades, que detém o saber do manejo do ambiente mosaico: de *campos lisos*, de *campos de pedra* e de banhados.

Com base na Etnografia, e no compromisso do saber e do modo de fazer antropológico, reconhecemos diferentes modos de vida campeiro. A perspectiva da *lida campeira* infere-se no ser e no viver dos interlocutores. Assim, a *lida campeira*, enquanto práticas culturais patrimonializada, deve servir como parâmetro em ações de salvaguarda frente a projetos de grande impacto socioambiental, como os de mineração, que buscam instalar-se na região. Esses projetos, envolvem o acesso aos territórios nos quais as populações tradicionais estão intimamente implicadas, muitas vezes, sem o reconhecimento das diferentes estratégias de reprodução social, de produção sustentável, de manutenção e de salvaguarda dos bens culturais.

Imagem 4, 5, 6 e 7: mosaicos em *campos de pedra*



Fonte: Flávia Rieth

ENTRE LIDAS E VIDAS: CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

Como inicialmente apontado, as pesquisas do INRC Lida Campeira têm levantado questões que acompanham os movimentos inquietantes dos detentores do saber, os campeiros, por caminhos que compreendem o pampa para além de fronteiras nacionais do Brasil, do Uruguai e da Argentina. Colocam em evidência a constituição de identidades nacionais em uma região *fronteiriça*, onde países, nações e cercas são cruzadas constantemente, por meio de redes sociais que não reconhecem tais limites, necessariamente, como barreiras. Conforme a etnografia, a *lida campeira* reflete modos de saber e de fazer dados pelo encontro entre populações tradicionais, com destaque para as pequenas e médias propriedades, com base em mão de obra familiar.

A narrativa da ocupação histórica do Rio Grande do Sul, que cristaliza a imagem de homens errantes, sem vínculos familiares e sem terras, vagando por um amplo território, acompanhado, muitas vezes, apenas do cavalo, do cachorro e do gado, vem sendo complexificada pela historiografia e pela etnografia, lançando luz sobre outras problemáticas. Autores como Luís Augusto Farinatti (2008, 2018) e Helen Osório (2016), entre outros, têm ampliado oposição entre grandes estancieiros, donos de vastas extensões de terra, e peões, assalariados, que deambulam pelo pampa, por meio do acesso a outras fontes documentais, ou da reanálise de documentação e de dados existente.

Como os estudos afirmam, não deixa de ser romântica e insólita a imagem de uma pampa rural, marcada pela presença de homens soltos, sem vínculos, sem demandas e sem estratégias, andarilhando de estância em estância, empregados em trabalhos pesados e em disputas territoriais. Por vezes, esses personagens ocupam espaços difusos, liminares, perigosos, como “índios”, “bugres”, “castelhanos”, “contrabandistas”, “caudilhos”, entre tantos Outros fronteiriços. Atenta-se, assim, para o pampa em sua diversidade, enquanto um território de existência, onde experiências profundas são compartilhadas ao longo de caminhos – e descaminhos –, levando em conta as trocas de saberes que produzem conhecimentos sobre a *lida campeira*, bem como as implicações políticas que afetam toda a região.

Estudos recentes apontam que a combinação histórica de trabalho escravo, de trabalho de peões livres e de pequenos produtores – que integravam cultivos de lavouras com a criação de gado em pequena escala, alguns com propriedade de mão de obra escravizada – era comum, desde o século 18. Muitos eram pequenos criadores e lavradores, que trabalhavam como peões nas grandes estâncias, o que sugere um conjunto de relações sociais mais complexo do que a dicotomia entre patrão e peão; e de relações econômicas para além de uma economia marcada somente pela pecuária. Como os estudos indicam, tem-se a presença de produtores rurais que eram, simultaneamente, pastores e lavradores. A produção agrícola de trigo, milho,

feijão, melancia, de carne e de leite do pequeno rebanho alimentava o grupo familiar, eventualmente, com a comercialização da produção, como forma de renda e como troca por bens não obtidos na propriedade. Na análise dos inventários *post-mortem*, é significativa presença de camponeses, proprietário de até cem cabeças de gado, que possuíam, além da mão de obra familiar, alguma mão de obra escravizada, o que evidencia a disseminação da presença negra no pampa.

Os processos criminais fornecem, também, informações sobre uma diversidade social, marcada por distintas ocupações. A partir da análise das testemunhas que presenciaram eventos tratados nos processos, ou que eram moradores das proximidades do local do delito, encontra-se a presença de peões, de lavradores, de carpinteiros, de pedreiros, de jornaleiros, de costureiras, de lavadeiras, indicando uma sociedade mais heterogênea, com trabalhadores/as em diversas ocupações, seja nas vilas, seja nas áreas rurais. Historiadores têm encontrando inventários com indicações de que os cativos mais valorizados eram aqueles que possuíam especialização, como barbeiros, alfaiates, queijeiros, marinheiros, oleiros, peões campeiros e domadores de cavalos, ocupações essenciais na operacionalização diária da pecuária. Entretanto, existe ainda pouca reflexão sobre segmentos socioculturais que não eram descritos nos inventários, como os “escravos”, negros africanos e crioulos, nascidos nas Américas, bem como indígenas, “bugues”, “infiéis”, que, igualmente, não eram titulares de atos patrimoniais, como escrituras acessadas nos inventários *post-mortem*.

O estabelecimento como lavrador pressupunha, na maioria dos casos, a constituição de família, que acabavam por tornar-se a base do trabalho e da organização e permitiam o acesso à produção independente. Por sua vez, as ocupações ligadas ao assalariamento agrícola não-especializado costumavam ter um sentido de temporalidade, de sazonalidade: eram exercidas até que se conseguisse construir as condições necessárias para o estabelecimento como lavrador. Em alguns casos, continuavam a assalariar-se nas grandes propriedades, como estratégia de reprodução social. Por vezes, realizavam outras atividades, como o trabalho de tropeiro, recebendo pagamento não somente em dinheiro, mas em mercadorias, por vezes, um pedaço de carne. Conforme relatos de campo, comunidades negras movimentavam-se, por meio de redes de parentesco e de compadrio, em busca de trabalho, em alguns casos, em regiões distantes, como peões campeiros do interior de Piratini, que, em época de safra, mudavam-se para as várzeas, para trabalhar na colheita do arroz. Outra estratégia consistia na realização de atividades assalariadas nas vilas, em alguns casos, apartados do contato familiar por longas temporadas.

Dessa forma, as pesquisas em andamento do INRC Lida Campeira têm refletido sobre temas diversos, mas relacionados, como a doma de cavalos, o pastoreio com cachorros, o pastoreio de cabras, o pastoreio de ovelhas, os caminhos da lã, as relações de gênero na *lida campeira*, as relações raciais, os conflitos socioambientais, que impelem para a interlocução com

outros campos do conhecimento. Embora, entende-se que há muito a ser desvendado no emaranhado de relações nos ambientes rurais, essas considerações destacam a presença do/a “pecuarista familiar”, que, juntamente a outras populações tradicionais, configuram o contexto histórico de ocupação do Pampa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARETTA, Silvio; MARKOFF, John. Civilization and Barbarism: cattle frontiers in Latin America. **Comparative Studies in Society and History**, Cambridge, v. 20, n. 4, p. 587-620, 1978.

BARRETO, Éric. **“Por dez vacas com cria eu não troco meu cachorro”**: as relações entre humanos e cães nas atividades pastoris do pampa brasileiro. 116f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

BORBA, Marcos Flávio. Desenvolvimento territorial endógeno: o caso do Alto Camaquã. In: WAQUILL, Paulo; MATTE, Alessandra; NESKE, Márcio; BORBA, Marcos Flávio (Orgs.). **Pecuária familiar no Rio Grande do Sul**: história, diversidade social e dinâmicas de desenvolvimento. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 187-214, 2016.

DOOREN, Thom Van; KIRKSEY, Eben; MÜNSTER, Ursula. Estudos multiespécies: cultivando artes de atentividade. **Incertezas**, Campinas, ano 3, n. 7, p. 39-66, 2016.

FARINATTI, Luís Augusto. Peões de estância e produção familiar na fronteira sul do Brasil (1845-1865). **Anos 90**, Porto Alegre, v. 15, n. 27, p.359-383, jul. 2008.

FARINATTI, Luís Augusto. La Historia Agraria en el sur de Brasil. **Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana Dr. Emilio Ravignani**, v. 48, p. 174-206, 2018.

INGOLD, Tim. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, 2010.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de

materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, 2012.

INGOLD, Tim. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015.

KOSBY, Marília Floôr. **Alma-carroço**: peregrinações com cabras negras pelo extremo sul do Brasil. 173f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

LIMA, Daniel Vaz. **“Cada doma é um livro”**: a relação entre humanos e cavalos no pampa sul-rio-grandense. 146f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. 2015.

OSÓRIO, Helen. Pastores, lavradores do Rio Grande, séculos XVIII e XIX. In: WAQUILL, Paulo; MATTE, Alessandra; NESKE, Márcio; BORBA, Marcos Flávio (Orgs.). **Pecuária familiar no Rio Grande do Sul**: história, diversidade social e dinâmicas de desenvolvimento. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 15-40, 2016.

PORTO, Rafael Gastal; BEZERRA, Antônio Jorge Amaral. Perfil socioprodutivo dos pecuaristas familiares em Bagé, Rio Grande do Sul. In: WAQUILL, Paulo;

MATTE, Alessandra; NESKE, Márcio; BORBA, Marcos Flávio (Orgs.). **Pecuária familiar no Rio Grande do Sul**: história, diversidade social e dinâmicas de desenvolvimento. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 109-129, 2016.

RIETH, Flávia; LIMA, Daniel Vaz. BARRETO, Éric. "*Lida brabíssima*": a cultura da caça como constituidora da relação entre humanos e animais na pecuária extensiva no pampa brasileiro. **Teoria e Cultura**, Juiz de Fora, v. 11, n. 2, p. 81-91, 2016.

SCHLEE, Aldyr Garcia. **Linha divisória**. São Paulo: Melhoramentos, 1988.

SIMÕES LOPES NETO, João. **Os contos e lendas**. Pelotas: Fructos do Paiz, 2011.

SORDI, Caetano; LEWGOY, Bernardo. Javalis no pampa: invasões biológicas, abigeato e transformações da paisagem na fronteira brasileiro-uruguaia. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 48, p. 75-98, 2017.

SÜSSEKIND, Felipe. **O rastro da onça**: relações entre humanos e animais no pantanal. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

AUTORES

Flávia Rieth

Doutora em Antropologia Social, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Antropologia Social, na UFRGS. Coursou Licenciatura e Bacharelado em Ciências Sociais, também na UFRGS.

É professora no Departamento de Antropologia e Arqueologia (DAA), Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas (ICH - UFPel).

E-mail: riethuf@uol.com.br

Daniel Vaz Lima

Doutorando em Antropologia, na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Mestre em Antropologia, na UFPel.

Coursou Bacharelado em Ciências Sociais, também na UFPel.

E-mail: dvlima.vaz@gmail.com

Vagner Barreto Rodrigues

Doutorando em Antropologia, na Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Mestre em Antropologia, na Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Graduando em Antropologia, na UFPel. Coursou Bacharelado em Comunicação Social, na Universidade de Caxias do Sul (UCS).

E-mail: vgnrbrtt@gmail.com

Miriel Bilhalva Herrmann

Mestranda em Antropologia, na Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Possui Bacharelado em Produção e Política Cultural, na Universidade Federal do Pampa (Unipampa).

E-mail: mirielbilhalvaherrmann@gmail.com